



mistas e desaperaçados que julgam impossível o surgimento dos nucleos de resistencia ainda hoje existentes entre nós.

Elles não estão mortos. Falta-lhes a intensificação da acção e a comprehensão nitida de certos problemas que são hoje vitaes pelo mundo afora.

Um arranco de energia, um grito de reunir, sincero, partido da gente honesta, o exemplo dignificante de moral e de trabalho pelas causas justas, poderá dar os resultados almeçados.

Reunam-se, pois, os elementos avançados, aquellos que mais provas hão dado de actividade e energia e formulem um plano de acção pratico, exequível, methodico para realisar o sem intermitencias, integralmente, levantando assim o nivel moral dos syndicatos que por atrasados e inconscientes que sejam não despresam os exemplos de actividade, energia e cordura dos mais adeptados. Ao contrario esses exemplos creem outras energias, fortalecem as vontades, fazem caminhar os timoratos e estimulam os retardatarios.

CAELOS DIAS

### A independencia do individuo

A liberdade, a independencia só existe na interdependencia e na solidariedade entre iguais. Só existe na equivalencia das funções igualmente necessárias á vida social. Só existe na propriedade comum e no trabalho associado. Só existe no socialismo — com a sua indispensavel garantia da liberdade individual, que é para cada um o direito, em todos os casos, ao uso gratuito dos instrumentos de trabalho, a ter pos grupos productores entrada e saída francas.

Facemos todos os homens donos de tudo. Organizemos a produção, tendo em vista as necessidades reais de todos, produzamos não para a venda, mas para o consumo. Facemos as trocas sem sinal de cambio, isto é, sem que o dinheiro as venha falsear, sem valores de fácil accumulção, meio de exploración, de parasitismo e furto. Aproveitemos todas as forças productivas hoje desdenhadas — braços desocupados ou mal occupados, parasitas improductivos, terras incultas, máquimas inactivas, materias primas, materiais de construção, forças naturais inaplicadas, progressos da técnica, descobertas scientificas — e promovamos a abundancia para todos e para todos o trabalho breve e curto. Constituíamos a sociedade pela forma mais livre e maleavel, da unidade para a colectividade, sob o impulso das necessidades naturais e pelo jogo das afinidades, o individuo autónomo no grupo, o grupo na federação. Não teria assim o individuo a maior soma de independencia?

A independencia material aumenta com a solidariedade. Na sociedade actual, dividida em classes, há dependencia e subordinação de escravos. Numa organização socialista livre, de propriedade comum e trabalho associado, teria cada um cada vez mais garantidas todas as vanlagens da civilização. O próprio trabalho associado evolveria no sentido da maior elasticidade, do menor numero de vontades a congregar, da maior individualização — pela crescente abundancia — e generalização da força motriz e pelos progressos gerais da técnica.

Outra independencia não há. Onde todos são interdependentes e solidários, ninguém depende de outrem. Onde a riqueza é de todos, ninguém é pobre e servo.

NENO VASCO.

## Syndicalismo e anarchismo

Convidado, quasi forçado, por gentis insinencias, a falar na sessão final do recente congresso da União Syndical Italiana, disse coisas que escandalizaram os syndicalistas puros, desgostaram a alguns companheiros, talvez por que consideradas inopportunas, e, o que é peor, receberam os applausos mais ou menos interessados de outros, extranhos á União Syndical, que estão muito longe das minhas ideias e dos meus propositos.

E, contudo, eu não fiz senão repetir as opiniões por mim expressas milhares de vezes e que me pareciam fazer parte integrante do programma anarchico!

E util voltar ao assumpto mais uma vez. E preciso não confundir o «syndicalismo» que quer ser uma doutrina e um methodo para resolver a questão social, com a promoção, a existencia e a actividade dos syndicatos operarios. Os syndicatos operarios (ligas de resistencia e outras manifestações do movimento operario) são, sem duvida alguma, uteis — são mesmo uma phase necessaria para a ascensão do proletariado.

Elas tendem a dar consciencia aos trabalhadores da sua verdadeira posição de explorados e de escravos, desenvolvendo-lhes o desejo de mudar de situação, habitua-nos á solidariedade e á luta, e, com a pratica da luta, fazem-lhes comprehender que os patrões são inimigos e que o governo é o defensor dos patrões. As melhorias que por meio da luta operaria se poderá obter são, certamente, pouca coisa, deixam subsistir o principio da exploração e da oppressão de uma classe por parte de uma outra e estão sempre em perigo de se tornarem illusorias ou supprimidas de vez, pelo jogo das forças economicas prevalecentes; mas também incertas e illusorias, essas melhorias servem assim mesmo para impedir que a massa se adapte e se embruteça numa miseria sempre igual, que tira até a concepção e o desejo de uma vida melhor. E a revolução como nós a queremos, feita pela massa e desenvolvendo-se por obra da massa, sem imposição de dictaduras, abertas ou disfarçadas, mal se poderia produzir e consolidar sem a existencia precedente de um largo movimento das massas.

De resto, pense-se o que se quizer, o movimento syndical é um facto que se impõe e não necessita do nosso reconhecimento para existir. Elle é o fructo natural, nas actuaes condições sociaes, da insipiente rebelião dos opprimidos; e seria absurdo, além de prejudicial, pretender que os trabalhadores renunciassem ás tentativas de obter melhorias immediatas, ainda mesmo pequenas, á espera da emancipação total, que deve ser o resultado da completa transformação social feita por meio da revolução.

Portanto, nós, fa qualidade de anarchistas, preocupados, sobretudo, na realização de nosso ideal, longe de desinteressar-nos do movimento operario, devemos tomar parte activa e procurar que elle, apesar das adaptações ás necessidades contingentes da pequena luta quotidiana, se desenvolva na forma menos contrastante com as nossas aspirações, e se torne sempre mais um meio de efficaz elevação moral e de revolução.

Mas tudo isso não é o «syndicalismo», que quer ser uma doutrina e uma pratica que se basta a si propria, e pretende que a organização operaria, feita com o escopo de resistencia e

de luta actual, para os melhoramentos actualmente conseguíveis, traz naturalmente, com o seu crescer e alargar-se, á completa transformação das instituições sociaes; e seja condição e garantia de uma sociedade igualitaria e libertaria.

E' um facto explicabilissimo a tendencia de todo homem dar a maxima importancia ao trabalho que faz, á forma de actividade que exerce — e se ha os que, occupando-se do anti-alcoolismo, de neo-malthusianismo, de reforma alimentar, de lingua internacional, etc. etc., acabaram por ver na sua minuscula, fragmentaria propaganda o remedio para todos os males sociaes, não é para admirar se aquellos deram todos o seu entusiasmo, toda a sua actividade a tão importante e vasto movimento, como o movimento operario, acabam quasi sempre fazendo delle uma panacea, um remedio universal e sufficiente.

E, de facto, houve, especialmente em França, anarchistas que, penetrando no movimento operario com as melhores intenções, para levar a palavra e os nossos methodos ao meio das massas, foram depois absorvidos e transformados, levantaram o grito «o syndicalismo bastá-se a si proprio...» e logo deixaram de ser anarchistas. Sem falar dos que trahiram continentalmente, deixaram também de ser syndicalistas e com a desculpa da União sagrada collocaram-se ao serviço dos governos e dos patrões.

Mas se a bebedeira syndicalista é explicavel e perdoavel, isso não é senão uma razão a mais para estarmos alerta e não tomar por um meio unico e seguro de revolução, uma modalidade da luta, que tem em si muita potencialidade revolucionaria, mas pôde, também, se abandonada ás suas unicas naturaes tendencias, tornar-se um instrumento de conservação de privilegio e de adaptação das massas mais evoluídas, ás presentes instituições sociaes.

ERRICO MALATESTA

### “A Plebe” no Rio

é encontrada nos seguintes pontos de venda de jornaes: Rua Marechal Floriano, junto á rua Camerino; no café do canto da Avenida Passos, com o engraxate; Largo da Carioca, canto da rua São José, e Largo da Lapa. Também é vendida na sede da Construção Civil.

### A sessão de propaganda dos Sapateiros

Foi coroada de pleno exito a sessão de propaganda realizada na segunda-feira passada, pela União dos Artífices em Calçados, em commemoração ao 5.º anniversario de sua fundação.

O salão da rua Brigadeiro Machado encheu-se inteiramente de sapateiros e de operarios de outras classes.

Depois de falar um camarada dos sapateiros, que em largos traços, fez o historico do seu syndicato, usaram da palavra os representantes de quasi todas as associações operarias de S. Paulo, sendo unanimes em concitar os trabalhadores á organização e á luta pelas reivindicações sociaes.

Falaram ainda alguns camaradas, terminando a projevtoza reunião com a Internacional, cantada em côro.

Foi uma noite de enthusiasmo e de boa propaganda.

## Ave, Paris!

*Ainda que a Historia, injusta, menospreze do feu Montmartre as rudes aventuras, e de teus impios a ambição repreze a liberdade que aos plebeus auguras;*

*ainda que, insolito, o dezar te pese, sob uma auréola secular fulgurás, nimbando, o sombrio Pere-Lachaise, dos teus heróes as pobres sepulturas!*

*Rebelle contra o jugo que te humilha, és a guardiã das glorias conquistadas na ruidosa Epopéa da Bastilha!*

*Que o vil conservantismo te reproche, Grande serás; Paris das barricadas, No gesto inimitavel de Gavroche!*

JOÃO RUSSO

### O “Fascismo” na Italia

Mais um gabinete cahiu e muitos outros o seguirão ainda emquanto a horda «fascista» continuar a perturbar o paiz pela violencia, pelo incendio e pelo punhal.

O «fascismo» incendeia, assassina, mobiliza o seu exercito de mercenarios, põe em estado de sitio esta ou aquella cidade ao bello prazer do seu chefe supremo, que é o renegado Mussolini.

E o governo ri a bom rir, porque o «fascismo» é a *docil creatura*, filha dos fúndos secretos e mercenarios da mais reaccionaria e podre burguezia, que pelo povo italiano foi chamada de tubarões, enriquecidos com a guerra e á custa, do sangue do proletariado.

Emquanto os «fascistas» commettem as mais barbaras acções, o exercito está de armas na mão de alalaia para entrar em actividade com bayonetas e metralhadoras, quando se rompe alguma greve.

Onde procurar os responsáveis de tão vergonhosos factos? Entre o povo, não.

As responsabilidades estão todas do lado do governo; desde que não se faz respeitar pela horda «fascista», demonstra claramente que algum laço mysterioso ha entre quem governa e quem incendeia camaras de trabalho, cooperativas etc.

O «fascismo» tornou-se uma instituição tão odiosa ao povo italiano, a ponto de fazer crer em perigo a monarchia sabauda. Basta dizer que em todo mundo tem-se o «fascista» como «brigantaggio» feito systema.

Provas? Para que? Pois cada gesto dessa gente é uma prova da sua missão «civilizadora»: á moda dos antigos hunos!

S. M.

### A vida das ideias

O que nos mostra o mundo social é uma harmonia organica, em que as ideias, longe de apparecerem como um *caput mortuum*, como um elemento morto, sem realidade, apparecem, pelo contrario, como um elemento vivo, da sua vida propria, como uma força autonoma, por toda a parte presente e activa.

Certamente, o homem não é um puro espirito, e as suas ideias, assim como os seus sentimentos, soffrem largamente a influencia do meio material em que evolue, do regimen economico sob o qual vive. Mas, por mais pronunciada, por mais

matcante que seja, essa influencia não é exclusiva, não é omnipotente. «Nem só de pão vive o homem». Elle tem outras relações, além das relações economicas; tem outras necessidades, além das necessidades materiaes. E se elle é, como se tem dito, «filho da animalidade», a sua natureza está longe da simplicidade animal; mal que justificaria — até certo ponto — a tese materialista. A sua natureza é complexa. Elle tem, a par das suas necessidades materiaes, necessidades affectivas. Tem necessidades intellectuaes. Umás e outras interveem — ou podem intervir — nas relações que causa ao meio e testemunham o seu lugar na escala da vida.

O homem não é «um simples animal egoista». É *naturalmente* sociavel; nasce sociavel como todos animaes bisexuados, e torna-se cada vez mais social, isto é susceptível de altruismo e ao mesmo tempo, de egoismo.

O homem é dotado de razão, isto é da faculdade de raciocinar, de perceber abstracções e de coordenar as suas ideias, abstracções.

E desta triplice natureza do homem, decorrem, na conducta da actividade humana, tres ordens de móbeis: móbeis egoistas, móbeis altruistas e móbeis impessoaes ou ideologicos.

Idéas puras? Razão pura? Não; deixemos isso aos metafisicos. Mas *dinamica cerebral*. Depois dos sábios estudos de Feuillee e de Tarde, já não é permitido ignorar que as ideias são forças e as imagens suggestões quasi hypnoticas.

P. Gilie

### Bibliotheca Social

#### “A Innovadora”

Os camaradas, sympathizantes e amigos do estudo da literatura social, devem visitar a sede desta bibliotheca, situada na ladeira do Carmo, 3, e que se acha aberta o dia todo.

Os companheiros do interior podem pedir os seus catalogos, que serão prontamente attendidos, a Rodolpho Felippa, Caixa Postal, 195, S. Paulo.

### “A PLEBE”

O proximo numero d’A Plebe será publicado no dia 26 do corrente.

# O PROGRESSO

A abolição do governo que se preconiza não implica a absurda ideia da desorganização ou do isolamento; os mais simples phenomenos de sociabilidade o demonstram.

O pleno desenvolvimento do individuo e o verdadeiro progresso da sociedade jamais poderão derivar do principio de autoridade, tão adverso ás innovações de toda a ordem, mas sim da lei do accordo mutuo, forma ultima do sentimento elemental altruista que se exprime pela acção da natureza super organica no termo de um processo de evolução: a solidariedade.

O obstaculo deste progresso seria unica e simplesmente a egualdade que o estado socialista estabelece e regula, amoldando a especie a um typo uniforme, quebrando a energia que resulta do conflicto de idéas, e de esforços mantendo o espirito de iniciativa, factores determinantes da harmoniosa diversidade do mundo social.

Isto no dominio moral da questão. Economicamente, o communismo livre é ainda e sempre a unica garantia do bem-estar, pela identificação do interesse individual com o interesse da collectividade.

A actividade social que produz a riqueza é proporcional a sua distribuição completa não tem o seu irradiante num restricto numero de individuos, senhores do poder e regularizadores das acções humanas, mas sim em milhares de cidadãos livres, unidos pelas affinidades as mais complexas, espontaneamente, na medida do interesse proprio e cuja vontade fica na exclusiva dependencia das condições naturaes do ser.

O papel das federações terá então a importancia que hoje lhe é, naturalmente, negada pelas condições de organização da sociedade actual, contribuindo num largo desdobramento da sua acção mutualista, para o completo equilibrio da produção e do consumo.

Christiano de Carvalho

## Contra a lei-mordaca

### A reunião dos jornalistas

Torna-se de dia para dia mais intensa a companhia contra o novo aborto legislativo do Oordo, senador paulista.

Quasi todos os jornaes, sentindo pericillar a sua liberdade de acção, estão dando combate, cada qual segundo o seu ponto de vista, ao monstruoso projecto em votação accelerada no Congresso Federal.

Um grupo de intellectuaes promoveu uma reunião de protesto contra a famigerada lei, tendo sido realizada no salão Celso Garcia, na terça-feira ultima.

A concorrencia não foi tão numerosa quanto era de esperar. Uma boa parte da gente da imprensa lá não esteve, demonstrando assim o seu indifferentismo mesmo por uma questão que a interessa tão de perto.

Entretanto, lá estiveram muitos militantes dos jornaes e de outras classes.

Varios discursos foram pronunciados, sendo nelles analysada sob todos os pontos de vista a lei-arrocho.

O espaço de que dispomos não nos permite fazer um resumo do que disseram os oradores, principalmente os srs. Amadeu Amaral e Moacyr Piza.

Assistiram a essa reunião di-

versos camaradas. O companheiro Edgard aproveitou a oportunidade para denunciar a perseguição exercida contra a imprensa operaria, principalmente contra A Plebe, que por determinação do governo federal está impedida de circular no correio.

O camarada Edgard aproveitou a occasião para dizer que contra essa violencia ninguém protestou, a não serem os trabalhadores.

A reunião terminou com a aprovação de telegrammas de protesto a serem expedidos á Associação de Imprensa e ao Congresso.

O camarada Edgard disse prestar a sua solidariedade a todo o movimento de caracter popular, mas não aos apellos aos organismos governamentais.

## O operariado e a lei de imprensa

As associações proletarias de S. Paulo realizam uma reunião de protesto contra a lei coercitiva da liberdade de imprensa na proxima terça-feira, 15 do corrente, ás 20 horas, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo, 23.

Os trabalhadores e todos homens livres são convidados a tomar parte nessa reunião.

## Mundo Novo

Sintomas de perigos, anúncios de violências, apparecem através de todo o mundo civilizado. As crêças morrem; as opiniões mudam; as antigas forças agonizam. As instituições politicas abrem fendas, tão palpavelmente na democracia America, como na monarchia Europa. A inquietude e o odio crescem entre as massas, qualquer que seja a forma de governo, e este tentar de cego, para fugir ás circunstâncias, acaba por ser intolerável. Atribuir tudo isto aos ensinamentos dos demagogos é o mesmo que atribuir a febre á frequência do pulso. E' o mundo novo que começa a fermentar dentro de velhos odres. Montar em um navio de vela as potentes máquinas de um transatlântico de primeira classe, equivaleria á fazer lo rebentar ao primeiro impulso delas. Assim também as novas forças, mudando rapidamente todas as relações da sociedade, fazem rebentar as organizações sociais e politicas não preparadas para resistir ao seu esforço.

Incumbe nos o dever de ajustar as nossas instituições ás crescentes necessidades, ás variáveis condições do mundo. Prudência, patriotismo, simpatia humana e sentimento religioso concorrem em nós, convidando-nos a acometer a empresa. Há perigos na transformação desconcertante; maior perigo existe ainda na perseverança na velha rotina. Os problemas que entram a oferecer-se nos são de indiscutivel gravidade, tanto que é de temer que não sejam resolvidos a tempo de evitar grandes catástrofes. Esta gravidade provém da falta de vontade para reconhecer e para lutar abertamente contra ela.

Tais perigos, que ameaçam já um país isoladamente, senão toda a civilização moderna, indicam que outra civilização mais elevada e justa luta por nascer, que as necessidades e aspirações dos homens ultrapassam as instituições e meios que antes lhes bastavam.

H. GEORGE.

## A Revolução Social

E' evidente que a apropriação por uma minoria privilegiada de tudo o que constitue a grande produção (terra, minas, maquinas, meios de transporte) faz a escravidão economica, e por consequência a miseria material e moral do resto da humanidade.

Impudentes sofismas, clichés solenes baldadamente proclamaram a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Os que apenas possuem os seus braços têm de os vender como podem, para não morrer de fome: tal é a verdade.

Trata-se pois, (fim proclamado pelo socialismo libertario) de fazer voltar á comunidade dos seres humanos o que pôde assegurar a vida e o bem-estar de todos, respeitando, claro está, o que é de uso pessoal. Transformação economica para a qual nos encaminhamos, através de todos os conflictos do Trabalho e do Capital, pelo simples jogo dos fenomenos sociais.

Como a rua, por onde passa toda a gente, a escola, a biblioteca, o museu, que se tornaram publicos, comuns, hão de as minas, as explorações industriais e agricolas, etc. hoje monopolizadas de ociosos accionistas, torna-se a propriedade commun, indivisa, dos trabalhadores livremente agrupados, organizando elles proprios a produção e a troca.

Basta tomar uma rápida vista geral da historia do trabalho durante o seculo XIX para descobrir que marchamos para essa revolução social, bem mais larga e fecunda que as revoluções feitas em provento destes ou daqueles politicos.

Sendo os trabalhadores infinitamente mais numerosos que os capitalistas e sendo elles que alimentam o exercito que os mantém sob o jugo patronal, é evidente que, quando elles se quiserem unir, a feudalidade capitalista succumbirá como succumbio no fim do seculo XVIII a feudalidade nobiliaria que detinha nas suas mãos todas as engrenagens do Estado.

Quanto mais depressa se tornar consciente a massa trabalhadora, mais depressa se fará essa revolução. Certamente, se se devesse esperar que todos os desherdados compreendessem; nem dentro de tres mil annos chegaria a data desejada. Mas a historia nos diz que as grandes revoluções largamente populares, se effectuam frequentemente ao menor choque, quando, creado um certo ambiente, existe uma minoria decidida á acção e uma massa simpatica.

Pela propaganda creatoms e desenvolvemos o ambiente. Nos agrupamentos de trabalhadores, hontem ainda rotineiros e particularistas, mas cada vez mais conscientes, acham-se o escol que ha de ousar e a massa que ha de seguir.

Assim será feita a libertação dos escravos modernos: deixação de ser bestas de carga.

Carlos Malato

## A rifa pró "A Plebe" e "Umanità Nuova"

A rifa do artistico quadro a oleo offerecido para beneficiar "A Plebe" e "Umanità Nuova" sera sortada no dia 2 de setembro.

A prestação de contas dos bilhetes deverá ser feita até o dia 30 do corrente, ficando os eucarrregados da passagem dos bilhetes responsaveis pelas suas importancias.

## A familia burgueza

Na época presente, na burguezia pelo menos, já não ha, em materia de uniões sexuaes, senão prostituição illegal ou legal, algumas vezes, as duas reunidas pelo adulterio licrativo.

E os nossos moralistas, admirando-se depois por verificarem em Franca uma média de 9.000 divorcios por anno, voltam-se contra a faculdade de separação que a lei de 1884 deu aos casaes em desarmonia. Deviam estar surprehendidos apenas da exiguidade desse numero. E' preciso que o habito seja um cimento bem forte, e que o amor dos filhos tenha um poder de cohesão bem consideravel, para que não se dissolvam mais associações matrimoniaes; porque, na realidade existe poucos casamentos reaes, resultando da união dos corações, da approximação das idéas, da afinidade dos caracteres, que na pratica se pôde ousadamente argumentar como se nenhum existisse.

Conhecem se porventura os jovens que se unem — melhor diria, que são unidos? Pensaram sequer em perguntar a si proprios se jamais poderão amar-se? São considerações, essas, que pouco influem sobre as decisões a tomar. Um amigo, desinteressado muitas vezes, muitas vezes também um medianeiro interessado, — porque dão dizer um corretor? — vai ter com o pae da moça e notifica-lhe a existencia dum moço casadoiro com quem seria vantajosa a união.

Abre-se logo inquerito cuidadoso sobre a respeitabilidade da familia, e a isto nada tenho que objectar, mas tambem e mesmo principalmente sobre os haveres. Pesa-se o sacco de escudos do pretendente para averiguar se equivale ao da futura, e se as posições sociaes parecem bem equilibradas, está concluido o negocio. Resta apenas uma formalidade — mas quão pouco importante a que consiste em fazer que os dois moços se encontrem e se certifiquem de que physicamente não existe entre elles nenhuma repulsão invencivel.

Fallo da repulsão phisica, porque é evidente que nessas poucas entrevistas de parada não se pôde apreciar nem o espirito nem os sentimentos; e digo dessa repulsão que não deve ser invencivel, porque embora só a custo possa ser dominada, os genitores supplicarão ao filho ou á filha que não a leve em conta, se parece sufficientemente compensada pelo peso da carteira.

A sociedade censura muito severamente as desgraçadas que fazem commercio do seu corpo e os homens que vivem á custa das amantes. Não desejaria certamente fazer a apologia do amor venal, mesmo se é livre; mas desejaria fazer a differença poder haver, sob o ponto de vista moral, entre a horizontal que se vende por dinheiro ou o rufião que lhe explora os encantos, e esses conjuges da burguezia, que são entretanto, devidamente casados pelo officio do Registro Civil, e cuja união é abençoada pelo ministro duma religião em que já não creem, embora fingindo crer.

Não vejo nenhuma.

Succede algumas vezes que as prostritas se affeioam aquelle de quem quizeram apenas approximar-se durante poucas horas. E do mesmo modo succede, em certos uniões regulares contrahidas ao acaso, que o amor que não presidiu á ligação seja consequencia della. Mas isto é excepcional. Na immensa maioria dos casos, os casamentos persistem taes quaes foram feitos, associações de interesses, sociedades em nome col-

lectivo que exploram uma forma social commum, nada mais.

E como, no entanto, se trata de coisa diferente duma empresa commercial, como os deveres dos esposos se estendem muito além e invadem a liberdade dos dois, por pouco que entra em scena o coração, até então silencioso, eis o adulterio que se introduz furtivamente no lar. Eil-o que apparece ainda, se a mulher, para satisfazer os seus instinctos de luxo aos quaes não pôde fazer face o marido, experimenta a necessidade de arranjar uma relação productiva.

Está tudo preparada para isso. Directamente, ou por intermedio dos paes, fez o negocio com o noivo; porque não haveria de o fazer com um amante? Sob o ponto de vista da moral estrita, os dois actos equivalem-se; e queaesquer que sejam as subtilidades com que os moralistas tentem distinguil-os, os seus sophismas naufragam perante a imperturbavel logica das coisas.

O homem por seu lado não deixa de manter concubinas com o dinheiro da sua legitima, e é bastante natural que a dita legitima tire a sua desforra; fazendo-se manter da sua parte.

Se, portanto, não se desfazem mais uniões do que aquellas que são consignadas nas estatísticas, é porque as estatísticas são incorrectas, e porque a maior parte das familias desfeitas conservam por forma unica apparencia unida — como esses velhos edificios grelhados, que muito tempo antes de desabar, permanentemente, se um choque exterior não vem precipitar a sua queda.

ALFREDO NAQUET

## A vontade

Claro que em toda a obra individual e até colectiva, na Inglaterra como na Turquia, entra em milto a vontade de cada um, não no sentido de poder ser mais no de poder fazer. Com a vontade não fazemos milto, mas que permitia a nossa estrutura organica, podemos, sem embargo, produzir mais ou produzir menos, segundo a energia da nossa vontade para querer. O que succede é que, geralmente, o querer está em relação directa com o poder, e que as grandes vontades vem acompanhadas de grandes intelligencias. Mas, ainda neste caso, a vontade e a intelligencia estão submetidas á acção do meio, á possibilidade de fazer uma coisa, dadas tais ou quaes condições da nação em que vive o individuo que a concebe. Em resumo, não pode desconhecer-se que existe uma influencia do individuo sobre o meio e do meio sobre o individuo, influencia que é mais ou menos poderosa em um e outro caso, segundo a força fisica e intellectua de cada nação ou povo que se opõe aos planos do pensador.

Nós, que falamos nestes termos, estamos, porém, enmarrados dos caracteres que põem a sua vida em um propósito e q realizam ou morrem no empenho de realizar. Queríamos ver todos os homens duros, absolutos, des-seus actos e tenazes até á obstrução na consumação de uma obra. Agradar-nos-la que bastasse a simples promessa de uma coisa para cumpri-la, vencendo os obstaculos naturais ou sociaes que a isso se oppossem. Porque? Porque entendemos que a vontade é a condição superior do individuo, que não ha caracter nem génio sem vontade, e que de homens com vontade, não se pode fazer escravos. A este respeito, chegamos até ao extremo da crier que a intelligencia sem acção é intelligencia morta; que ninguém é mais capaz de fazer uma obra do que aquele que a faz, bem ou mal, e que o facto é superior a toda a palavra escrita ou falada. Daí lo queremos que toda a pessoa tenha força de vontade para actuar, e achar por conta propria, embem não julgamos sufficiente a vontade para dignificação do homem.

F. URÁLES.

## A nossa festa de hoje

E' hoje que se realiza o festival em beneficio d' "A Plebe".

# A União dos Trabalhadores Graphicos à Classe Graphica

**COMPANHEIROS!**  
A Comissão Reorganizadora, nomeada na reunião realizada domingo, 23 de julho próximo passado, ao iniciar a tarefa de que foi incumbida de reactivar os trabalhos da nossa organização de classe, temo a dever de dirigirt-vos a palavra, em um apello vellemente á vossa consciencia de homens livres, e ás vossas energias de trabalhadores conscientes.

Sentindo a necessidade premente de iniciarmos uma intensa campanha, afim de dar á União dos Trabalhadores Graphicos todo o vigor e toda a pujança de que ella precisa para que possa conquistar o mais rapidamente possível uma situação material e moral compativel com a função a qual se desenvolvem os que labutam na industria graphica, reuniram-se em nossa sede social numerosos companheiros, os quaes estudando atentamente as nossas condições presentes, constataram ser chegado o momento de sahirmos da apathia em que ha tempo mergulhou a classe e reencontrarmos a nossa actividade, fazendo convergir todos os nossos esforços para a tarefa importante de revigorar a nossa União e tornal-a apta para a realização dos nossos ideaes. Só assim, pela força da nossa solidariedade, poderemos arrancar do patronato uma parte, pelo menos, dos direitos e regalias que hoje em dia, em outras partes do mundo, já continuam em pleno gozo do qual nem um poder por mais forte e arrogante que seja ousa usurpar aos trabalhadores organizados.

Sómos uma classe que, pela natureza do trabalho que executa, deveria ser o exemplo para os demais na defesa da manifestada pela defesa dos seus direitos e espezinhados, no amor á sua associação e na intelligencia e diligencia comprehendendo dos seus direitos e deveres revoltantes injusticias.

Isto, porém, não se dá, pelo menos na extensão que seria para a classe.  
Ansorvidos por outras preocupações menos uteis aos seus interesses, ao bem estar de sua familia, os graphicos vão esquecendo o dever primordial, que a todos sobrepõe, de consagrar á sua associação o concurso á sua defesa, trabalhando periodicamente ás suas contribuições, comparecendo ás suas reuniões, enfim, trabalhando para que a União dos Trabalhadores Graphicos progredindo e alcançando o maximo de vigor se torne o baluarte das nossas reivindicações.

E qual a consequencia dessa vossa attitude?  
A resposta está ahí nesse quadro de miseria dorada em que vivemos nós, a maioria dos trabalhadores graphicos.  
Vencendo salarios exiguos, irritados mesmo, em confronto com o alto custo da vida, determinado pelas especulações de toda a sorte, soffrendo vexames de todo calibre, arrastando nosa existencia de opprobrio para gloria e proveito daquelles que a custa do nosso labor produtivo avultam cada dia mais os seus cabedres e atravessam uma existencia regalada e parata.

Foi ante esse estado de cousas insupportavel e comprehendendo a impossibilidade manifesta de continuarmos na situação actual, que a reunião referida decidiu iniciar em pouco tempo uma campanha em torno do programma de reivindicações que há de collocar a classe graphica na posição a que tem incontestavel direito.

Precisamos reunir todas as forças dispersas, coordenar todas as vontades para que dentro em pouco a nossa associação possa desenvolver impavidamente a sua bandeira reivindicadora, tendo em vista os mais urgentes melhoramentos para a classe, taes como: **A semana inglesa 44 horas; adoção de uma tabella de salario minimo; defesa do trabalho; termino, tendendo equiparar os respectivos salarios dos homens; effectivação do descanso dominical e regulamentação do trabalho dos menores.**

Taes são os problemas que presentemente se devem impor á attenção de todos os companheiros que effectivamente se interessam pelo progresso da classe e a desejam dignificada pelo respeito aos seus direitos.

E para a realização desses melhoramentos só uma coisa basta: a organização, isto é, a solidariedade de todos os graphicos em torno da sua associação, não mediando sacrificios para constituir-nos uma força capaz de impor a nossa vontade.

É urgente, portanto, que desde hoje se inicie por todas as officinas graphicas de São Paulo — jornadas e casas de obra — uma intensa campanha de organização; que aquellos mais esclarecidos e conscientes se disponham a este trabalho, convencendo os retratados, insultando o entusiasmo, aos indecisos, numa palavra: — que se entrem em tarefa de trazer cada dia novos elementos á nossa União.

Completando esse trabalho de organização, é necessario ainda que as con-

dições escolham seus delegados para que constituindo o quadro de representantes possa haver entre toda a classe a necessaria coesão e harmonia de vistas, do que resultará a força precisa com que conquistaremos os nossos direitos.

Terminando este apello, nós esperamos que a elle correspondam todos os companheiros desejosos de ver a nossa classe engrandecida para realizar com exito a sua missão emancipadora.

Sejam, pois, estas reflexões acolhidas com attenção e que os graphicos de São Paulo se disponham a lutar sem trevas pela sua liberdade e pelo seu bem estar!

Solidariedade e consciencia! Avante, pela organização!

São Paulo, Julho de 1922.

A. Comissão Reorganizadora

Attenção! — Danlo desempenho á sua obra de propaganda, a Comissão Reorganizadora iniciará por estes dias as suas visitas a cada uma das corporações dos jornas e casas de obras, no intuito de reforçar de viva voz o presente apello. — Sede: Rua Quinlino Bocaviva, 70 - 2a andar.

## Algumas notas sobre a educação da infancia proletaria

Entrando certa vez em uma casa de brinquedos e artigos esportivos, afim de comprar alguns materiais para meus alumnos, deparei com um operario que tambem ali havia entrado, não para comprar algum livro, mas para fazer a aquisição de algum brinquedo para dar de presente de aniversario a seu filho mais velho, que completava naquella dia oito annos de idade.

Chamou-me a attenção o interesse com que elle, debruçado sobre a vitrina, procurava encontrar um objecto barato, ao alcance de sua bolsa, mas capaz de satisfazer completamente o desejo do filho, a quem elle dedicava verdadeiro amor.

— Então, está v. a escolher um brinquedinho para seu filho?

— Sim. O meu pequeno completa hoje oito annos e eu lhe prometi em presente de aniversario.

— E não encontra um, que lhe agrade?

Ahi, pegando num simulacro de espingarda e olhando-o bem, disse-me:

Aqui está um brinquedo que as creanças apreciam muito. Acho que serve para contentar o meu pequeno...

— Sim, mas permite-me v. uma advertencia?...

— Como não!

— Acho que a sua escolha é muito intelligente, muito descriptiva, porque a um creança, que é a alegria da familia, a felicidade dos pais, a esperança da humanidade, não se deve dar esse brinquedo, porque a uma espingarda, um revolver, uma arma homicida, anda que representada apenas por um simulacro, não deixa nunca de fazer ao espirito da creança uma ideia mais contumeliosa, e até mesmo criminosa, que mais tarde ou mais cedo poderá trazer graves consequências não só para si mesma, mas tambem para a humanidade toda.

E o pobre operario, tomando em consideração as minhas palavras, acrescentou:

— Or, tem razão. Não devo dar isso a meu filho. A espingarda é meu, uma arma assassina, propria de soldados, e que nos faz lembrar todas as monstruosidades da guerra.

E deixando esse heuio objecto que é o symbolo do odio e do desrespeito á vida de nossos semelhantes, o operario escolheu

e comprou um livro de historias infantis com illustrações, polo-nobolsó e me agradeceu pela advertencia que lhe fiz.

E com isso, satisfelissimo, sentiu-me encorajado a proseguir na minha propaganda contra o militarismo e a guerra, cujas consequências são tão desastrosas para a humanidade.

Ahi fica este exemplo para desmentir aquelles que, descrentes da accção exercida pela força das palavras, não se atrevem a aconselhar á familia proletaria a norma de educação que mais deve convir para a consecução do bem e da felicidade, não só para seus filhos, mas tambem para toda a humanidade.

PROF. J. P.

## Ecos do Rio

Ha pouco mais de um mez, no Rio, fomos espectadores de um movimento de revolta no forte de Copacabana.

Todos já sabem o motivo daquelle movimento. Foi obra da policagem.

Nos dias em que os canhões do forte disparavam sobre a cidade, os boatos eram verdadeiramente alarmantes. Diziam que a Marinha e o Exercito a horas tantas da tarde como da manhã do dia seguinte, tomariam parte na revolta e por isso que a população se precavese, etc., etc.

E assim viamos os automoveis transportarem familias inteiras que fugiam apavoradas sob a impressão de uma terrivel revolução. Para onde iam não sei, mas como eram todas da classe burguez, supponho que deviam retirar-se para pontos bastante distantes da cidade.

Eu, serenamente, dentro dos meus inabalaveis principios de rebeldia, apreciava essa fuga.

Este acontecimento fez-me reportar o pensamento ao grande momento historico da Revolução Francesa de 1793, a qual todos os annos é solememente commemorada no dia 14 de Julho, data da queda da odiosa Bastilha.

Veu-me á lembrança aquelle feito por todos os titulos glorioso, não porque a revolta do forte de Copacabana se possa comparar á grande Revolução, que foi um movimento verdadeiramente popular, isto é, dos famintos contra as classes ricas de então e fez surgir um novo era de idealismo, de liberalismo, e de luz e de esperanças... mas porque a nobreza franceza de então tambem fugiu de Paris apavorada da revolução da canalhada da rua, dos pés descalços, e dos descamisados, como a insolencia da nobreza chamava e chama á plebe.

Eu tenho o exemplo da evasão da classe burgueza diante da perspectiva de uma revolução a confirmação mais eloquente de que si ella é forte e valente como classe, o é sómente quando tem, do seu lado, o Exercito e a Policia contra os operarios em greve que ousam reclamar o seu direito a vida...

A revolta do forte de Copacabana, como todos sabem, foi debellada. Mas se por ventura tivesse triumphado, que teria ganhado o operario?

Nada. Continuará sempre na miseria, explorado e escravizado. Pois aquelle movimento não tinha outro objectivo que lutar abaixo um tyranno e no lugar delle collocar outro tyranno.

A situação economica, politica e social do operariado só mudará de facto com a radical transformação da sociedade capitalista e governamental em sociedade comunista anarchista.

ZEFERINO OLIVA

## Notas da Italia

Accedendo ao convite das camaradas que dirigem *A Plebe*, esforcei-me-ei para enviar, deste recanto da peninsula italiana, banhada pelo Tirreno, algumas noticias que possam interessar os camaradas, tanto do movimento social como do economico.

Ao contrario do que se passa, actualmente no Brasil, o proletariado italiano, cansado de esperar das alturas parlamentares os beneficios prometidos pelos seus *onorevoli compagni* de toda a marca, começaram, para sahir deste antro estreito, a fazer por suas mãos tudo o que a elles lhes diz respeito.

Assim é que, ha dias, os metallurgicos de toda a Italia, unidos sob a «Fiom». Federação Italiana dos Operarios Metallurgicos, decretaram a greve geral nacional em opposição ás pretensões dos industriais, que consistem na diminuição dos salarios, augmento das horas de trabalho e abolição de outras melhorias conquistadas á custa de muitos sacrificios.

Não obstante a agua morna dos reformistas e do eterno «cala-m!» dos politiqueros, a greve prosegue extraordinariamente bem e alastra-se por toda a peninsula, fazendo paralizar por encanto, todas as officinas metallurgicas e tudo leva a crer que se estenderá por todo o proletariado em geral, visto a causa ser a mesma, pois as ameaças de todo o patronato são analogas ás pretensões dos industriais metallurgicos; pretensões absurdas neste momento em que tudo, especialmente os generos de primeira necessidade, augmentam consideravelmente.

Os grevistas resistem firmes e admiravelmente na defesa de seus sagrados direitos, da sua dignidade e da dignidade das suas organizações.

A abstenção ao trabalho é total na Lombardia, Venezia Giulia, Turim, Venezia, Florença e nos principaes centros da Toscana, de Napoli, Roma, etc., etc.

Em um comicio monstro realizado em Milão, no amplo Theatro do Povo, foi aprovada unanimemente, entre entusiasticos vivas á greve geral, a seguinte proposta:

- a) — Nenhuma redução de salario;
  - b) — Reintegração dos salarios reduzidos depois de 1920;
  - c) — Abolição da tabella A. do accordo de 1919, que sanciona a miseria dos operarios;
  - d) — Tratativas unicas e nacionais e accordo unico e nacional.
- E só mediante taes condições, talvez, os trabalhadores voltarão a trabalhar.

Estão em sessão permanente os Comité Central da «Allianza del Lavoro», «Comité de Defesa Proletaria» e Comité da «Unione Sindical del Lavoro» tratando exclusivamente da greve dos metallurgicos.

Espera-se todo o momento a adhesão dos principaes e potentes organismos proletarios da Italia.

Os D'Aragone e companhia, os eternos traidores do proletariado, não lhes sendo tão facil como outrora ludibriar os trabalhadores, começaram a exhibição de um novo film sob o titulo «Collaboração», isto é, collaborar com os conservadores a pretexto de poderem, unidos, reprimir as violencias do «fascismo».

Ora, quem é que não sabe que o «fascismo» foi creado e é mantido pelos conservadores para destruir as organizações economicas e politicas contrarias ao dominio dos tubarões?

De sorte que não é difficil comprehender-se a velhaca intenção dos collaboracionistas.

Esta nova tarça dos socialteifos fará com que o novo personagem que surgiu do Congresso de Livorno, baptizado sob o nome sophistico de Partido Comunista Italiano, impulsionado pelos dicitadores de Moscou, se fortaleça.

Mas, muitos reconhecerão naturalmente que o P.C.I. pretendo seguir a mesma estrada traçada pelo P.S.I. e não deixará de abraçar os ideaes puramente libertarios.

Isto enquanto ahi no Brasil muitos trabalhadores abandonam o verdadeiro caminho, anciosos para que se substitua o Estado burguez por outro mascarado de Estado proletario, mas, conservando transitoriamente, ateras as mesmas instituições burguezas.

ANTONIO TROTTE  
Paola (Cosenza), 1-7-1922.

Biblioteca Social "A INNOVADORA"  
Rodolpho Felipe Calix post 195  
S. PAULO

### LITTERATURA E SCIENCIA

B. Ribeiro — «Menina e Moço» encadernado	3000
Lamarini — «Rafael»	8000
Sóror Mariana — «Cartas»	3000
Carret — «O Arco de Sant'Anna»	3000
Carret — «Camões»	3000
Antoine Albalat — «L'arte de crier»	6000
Anatole France — «O Lyrio Vermelho»	4000
Vicente de Carvalho — «Verões da Mocidade»	4000
Antero de Figueiredo — «Recordações e Viagens»	5000
Filmarion — «Como acabará o mundo»	5000
Spencer — «O que é a moral?», brochado	3000
D. F. Strass — «A Velha e a Nova Fé», broch.	4000
Dr. V. Russomano — «A Escravidão social da mulher»	2000
Ernesto Heekel — «Maravilhas da vida» etc.	2000
Hermes Fontes — «Miragem do deserto» (versos) b.	2000
Tolstói — «A escravidão Moderna» br.	2000
J. Novicow — «A emancipação da mulher» br.	3000
Gustavo Barrozo — «Terra de Sol» (Natureza e costumes do Norte do Brasil) etc.	4000
A. Gonçalves Dias — «Poesias — Tomo II etc.»	6000
J. Quercia — «Humorismo» (prosas humoristicas) I volume com 600 paginas etc.	5000
Ernesto Heekel — «Religio Evolução», etc.	4000
Alfonses de Azevedo — «Obras» (Poesias), I vol. etc.	5000
João Diniz — «Aquarellas» (ed. facio de Eny de Queiroz, edição de 1889), I vol. etc.	6000
L. N. Fagundes Varella — «Audiência» ou «O Evangelho nas Selvas» (Poema) edição 1875, I vol. etc.	5000
P. Kropotkine — «A grande Revolução», 2 vol.	6000
P. Kropotkine — «Os Bastiões da Guerra» — 1 ex. \$200, 10 ex.	18000
Astrogilho Pereira — «A greve da Leopoldina»	2000
Canella — «Uma obra necessaria»	5000
Afonso Henriques — «O Evangelho das Luzeiras»	2000
Nuno Vasco — «Peccado de Simonia»	5000
José T. Lorenzo — «Maximalismo e Anarchismo»	5000
Ed. Metzner — «A verdade acerca da Revolução Russa»	18000
A. Hannon — «A Crise do Socialismo»	4000
«A Social Democracia na Alemanha»	3000
Encyclopedia Popular.	
A. Levisse — «Os direitos do Estado e as garantias do direito natural»	7000
C. de Ikyriyan — «Como pode acabar o mundo», encadernado, 18000 — broch.	7000
M. L. — «A vida dos animaes»	5000
M. L. — «Origem das cousas»	5000
Christiano Cordeiro — «Doutrina contra Doutrina».	4000
Sebastião Faure — «Como se deve educar» (Modesto tratado de educação phisica, intellectual e moral) broch.	10000
<b>EM ITALIANO</b>	
E. Bossi — «Cristo non è mai Esistito», etc.	4000
E. Damiani — «Cuore» (libro per ragazzi) broch.	28000
P. Mantegazza — «Igiene dell'Amore» br.	28500
Tolstói — «Resurrezione» (romanzo, in tre vol. br.)	58000
<b>EM HESPANHOL</b>	
Vagas Vija — «Sobre las vias muertas», novela.	4000
Augusto Langel — «Los problemas del Alma» etc.	8500